CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

José Cruz/Agência Brasil

Talíria espera condução menos autoritária com Motta

Líderes, como Talíria, esperam tempo de mais previsibilidade

A nova líder do Psol na Câmara, Talíria Petrone (Psol-RJ), ficou bem impressionada com a condução do novo presidente da Casa, Hugo Motta (Republicanos-PB), na primeira reunião. Ele prometeu um tempo de maior organização, com as sessões começando no horário, a definição com antecedência da pauta e a publicação dos projetos em discussão. Nada do que fazia seu antecessor, Arthur Lira (PP-AL). Não foram raras as vezes em que as sessões foram começar já entrada a noite, sem definição prévia do que seria votado e com os deputados reclamando que não tinham tido acesso aos relatórios do projeto. Para um partido pequeno, que está na minoria, tornava muito difícil estabelecer qualquer tipo de estratégia.

À mercê

Ficava ali o Psol à mercê do que queria Arthur Lira combinado com os parlamentares do seu grupo. De fato, no primeiro dia de sessão nesta terça-feira (4), Hugo Motta chamou a sessão logo no início da tarde. "Esperamos que siga", disse Talíria ao Correio Político.

Ações

Assim, ficaria o Psol e outros partidos menores com maior possibilidade de interferir de alguma forma no debate. "Nós também fazemos parte da ampla base do governo", lembrou ela. Muitas vezes, observa, isso parece ser esquecido com a pressão do Centrão.

Lula Marques/ Agência Brasil

Como prometido, Motta começou a sessão no horário

Evitar a anistia será principal pauta do Psol

Talíria Petrone avalia que o grande embate no Congresso entre esquerda e direita neste ano de 2025 será o avanço ou não do projeto que concede anistia aos responsáveis pelos atos antidemocráticos de 8 de janeiro, e que se pretende estender para dar anistia ao ex-presidente Jair Bolsonaro. "Precisamos garantir que a extrema-direita seja derrotada", prega ela. Ao se eleger, Hugo Motta teve o apoio de 17 partidos, do PT ao PL – não teve o apoio do Psol, que lançou o Pastor Henrique Vieira (RJ). Certamente, é preciso atenção para o que ele eventualmente negociou. Motta já sinalizou que deixará a decisão de pautar para os líderes.

Discurso

Para Talíria, o discurso de Hugo Motta ao vencer a eleição deu sinalizações importantes, ao mencionar a palavra "democracia" 29 vezes e se espelhar em Ulysses Guimarães como exemplo. Embora seja um conservador, Talíria espera agora tempos de maior democracia.

Costumes

Hugo Motta disse também que não pretende dar prioridade à pauta de costumes, cara à direita mais extrema. "Espero que os pontos que não são mobilizadores da sociedade toda não sejam mesmo prioridade", diz ela. "A sociedade está cansada dessa divisão".

"Comer"

"O povo quer comer", resume Talíria. "É importante que, nesse sentido, nós consigamos avançar nas promessas de campanha do presidente Lula de maior crescimento e igualdade social". Para a líder do Psol, 2025, nesse sentido, deve ser "o ano de colher frutos".

Lula

O Psol nasceu como dissidência do PT no primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Durante bom tempo, fez oposição. Agora, faz parte do governo. "O Psol está vivo", diz Talíria. Mas, segundo ela, nesse momento é projeto é apoiar Lula. "Precisamos dele em 2026".

Bonés: nova guerra entre o governo e a oposição

Lula adotou a moda; Hugo Motta a considerou perda de tempo

Reprodução/Redes sociais

Lula resolveu entrar na "guerra dos bonés"

Por Gabriela Gallo

Com o retorno as atividades parlamentares, um novo embate surgiu entre a base e a oposição do governo federal, mas também pode ser uma oportunidade para a comunicação institucional do governo federal.

Na eleição da Câmara dos Deputados e do Senado, no último sábado (1º), a equipe do governo federal utilizou um boné azul escrito "O Brasil é dos brasileiros". A frase bordada no chapéu é uma resposta às declarações do presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump (partido Republicanos) sobre o Brasil e os demais países latinoamericanos. "Eles precisam de nós, mais do que precisamos deles. Nós não precisamos deles, eles precisam da gente", disse o norte-americano.

Diante disso, ministros do governo e aliados passaram a usar o boné, como contraponto ao utilizado durante as campanhas presidenciais de Donald Trump – um boné vermelho escrito "Make America Great Again". Na votação dos novos presidentes da Câmara e do Senado, Hugo Motta (Republicanos-PB) e Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), o ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, e o líder do governo no Congresso, Randolfe Rodrigues (PT-AP), entre outros, apareceram com uma versão azul e amarela. Na segunda-feira (3), sessão de abertura dos trabalhos do Congresso, outros governistas usavam o boné.

Na mesma sessão, a oposição do governo também customizou um boné em resposta ao Executivo, no caso verde e amarelo escrito "Comida barata novamente. Bolsonaro 2026", fazendo uma explícita crítica à alta dos preços dos alimentos.

Estava instalada a "guerra dos bonés" no Congresso Nacional. Nesta terça-feira (4), foi publicado um vídeo no qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) também aderia à moda colocando o boné azul na cabeça duas vezes. A ideia toda do boné partiu do novo ministro da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), Sidônio Palmeira.

Debate

Para algumas, a medida foi uma grande sacada do ministro da Secom, em usar a semiótica para inverter símbolos ligados ao governo. Por exemplo, a cor vermelha se tornara uma cor associada ao Partido dos Trabalhadores, enquanto o verde e amarelo se associaram à gestão de Jair Bolsonaro, visto que seus apoiadores adotaram a camisa da seleção brasileira como uma espécie de uniforme.

Em contrapartida, há quem argumente que essa guerra de bonés se trata de uma infantilidade. Nesta terça-feira, o novo presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), criticou a moda. Ele escreveu em suas redes sociais que "boné serve para proteger a cabeça do sol, e não para resolver os problemas do país".

Marketing

Para a PhD em Marketing e coordenadora do Centro de Estudos em Marketing Digital da FGV/Eaesp, Lilian Carvalho, o governo ainda precisa intensificar os trabalhos para ter maior alcance para verificar o sucesso da estratégia.

O vídeo do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) comentando sobre o Pix é um exemplo. Em 24 horas, o vídeo "acumulou 7,5 milhões de likes e mais de 60 milhões de visualizações, segundo o sofware Not Just Analytics", enquanto o vídeo de Lula colocando o boné teve, até às 17h desta terça, pouco mais de 180 mil likes e 540 mil visualizações. "[Isso] coloca Lula, que é o presidente da nação, três ordens de magnitude abaixo da viralização do Nikolas", ponderou a especialista de marketing ao Correio da Manhã.

Exploração de petróleo pode gerar disputa ambiental

Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil

Lula prometeu a Alcolumbre liberar exploração na foz

Por Gabriela Gallo

Logo após o primeiro encontro com os novos presidentes do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), e da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse que o governo emitirá a licença que deve abrir caminho para a exploração de petróleo na Bacia da Foz do Amazonas, na margem equatorial do país. Apesar da conversa não ter sido exposta publicamente, nos bastidores a expectativa é que o fato seja concretizado neste ano.

Nesta terça-feira (4), a presidente da Petrobras, Magda Chambriard, informou que a estatal atendeu a todas as demandas exigidas pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para exploração de petróleo e aguarda respostas.

"Nós estamos em um processo de licenciamento com o Ibama. Entregamos toda a demanda do Ibama nos últimos dias de novembro. Todas as respostas às demandas estão no relatório que entregamos no dia 27 de novembro e agora estamos aguardando a avaliação do Ibama sobre o material", disse Chambriard durante o Fórum Brasil de Energia, na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), no centro do estado.

Em resposta ainda nesta terça-feira, o Ibama declarou que a solicitação da Petrobras para ter autorização para explorar petróleo na região segue em análise pela equipe técnica, sem previsão para ter o resultado divulgado. Fica clara a existência de uma disputa entre ambientalistas e o campo da energia dentro do governo.

Negado

A Petrobras já havia solicitado acesso para a Bacia da Foz do Amazonas, mas teve o pedido negado pelo Ibama em 2023 que encaminhou uma série de recursos para a estatal. A Bacia da Foz do Amazonas ocupa uma faixa que se estende entre a fronteira do Amapá com a Guiana Francesa até onde a Baía do Marajó divide o arquipélago da costa paraense. Amapaense, Davi Alcolumbre é um dos principais interessados na medida, já que seu estado será um dos principais beneficiados – além de obras e empregos, o Estado receberia royalties pela atividade.

A região compõe a Margem Equatorial, que comporta quatro bacias sedimentares além da Foz do Amazonas: Pará-Maranhão, Barreirinhas, Ceará e Potiguar. Outra interessada na perfuração, a Petrobras tem 16 poços na fronteira exploratória, porém, só tem autorização do Ibama para perfurar dois deles, na costa do Rio Grande do Norte.

Danos

Por outro lado, ambientalistas criticam a possibilidade da perfuração, temendo possíveis danos ambientais na região. Na época que negou o pedido da Petrobras, o Ibama calculou impactos classificados de nível máximo, por alguns serem considerados como irreversíveis, com a exploração de petrolífera na região. O corpo técnico da autarquia registrou 18 impactos negativos, dos quais quatro com alta magnitude. Dentre eles a alteração de comportamento de mamíferos aquáticos e tartarugas.

Vale lembrar que neste ano o Brasil sediará a 30ª edição da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP 30), em Belém (PA).

Relembre

Apesar do esforço do presidente Lula e demais estatais do governo, a medida pode gerar um desgaste com o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA). Na época em que o Ibama negou o pedido da Petrobras para explorar a margem equatorial do país, houve um desentendimento entre o líder do governo no Congresso, Randolfe Rodrigues, que é do Amapá, e a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva. Na época, Randolfe desfiliou-se da Rede, partido de Marina. Mais recentemente, ele se filiou ao PT.

Por meio de suas redes sociais, no dia 13 de janeiro, a ministra Marina Silva, destacou que todas as decisões do Ibama sobre a exploração de Petróleo na foz do Amazonas são técnicas, evitando posicionamentos muito conflitantes com o governo.